

**JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1**



**A PAISAGEM DE ARAGUAÍNA E A
DINÂMICA DAS PESSOAS EM
SITUAÇÃO DE RUA**

**THE LANDSCAPE OF ARAGUAÍNA
AND THE DYNAMICS OF PEOPLE IN
THE STREET SITUATION**

Sueli Marques FERRAZ
Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: Sueli.Marques@mail.uft.edu.br

Airton SIEBEN
Universidade Federal do Tocantins
(UFT)
Universidade Federal do Mato Grosso
(UFMT)
E-mail: asieben@mail.uft.edu.br



RESUMO

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado sobre as pessoas em situação de rua-PSR em Araguaína-To. Nosso foco neste trabalho é debater sobre a paisagem de Araguaína e para quem ela está sendo construída. O objetivo deste trabalho é compreender as perspectivas das PSR sobre as transformações na paisagem, como também conhecer como esta população está inserida dentro deste contexto. A metodologia utilizada foi entrevista com questionários semiestruturados, produzida a partir das visitas a estas pessoas na Praça Dom Orione e na Feirinha e em outros lugares da cidade. É uma pesquisa de cunho quantitativo tendo em vista que não tem como foco as estatísticas destas pessoas e sim aprofundamento sobre a percepção dos mesmos sobre paisagem e políticas públicas que atenda esta população.

Palavras-chave: Paisagem. Pessoas em situação de Rua. Fonte Luminosa.

ABSTRACT

This article is part of the master's research on homeless people-PSR in Araguaína-TO. Our focus in this work is to debate the Araguaína landscape and for whom it is being built. The objective of this work is to understand the perspectives of the PSR about the transformations in the landscape, as well as to know how this population is inserted in this context. The methodology used was interviews with semi-structured questionnaires, produced from visits to these people in Praça Dom Orione and in Feirinha and elsewhere in the city. It is a quanti-qualitative research, considering that it is not focused on the statistics of these people, but on deepening their perception of the landscape and public policies that serve this population.

Keywords: Landscape. Homeless people. Light Source.

INTODUÇÃO

Este artigo faz parte da minha dissertação de mestrado defendida no dia 24 de agosto de 2021, no programa de pós-graduação interdisciplinar cultura e território da

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

Universidade Federal Norte do Tocantins. Tem como objetivos analisar as dinâmicas socioeconômicas dos grupos vulneráveis em Araguaína-TO, bem como compreender a violência naturalizada pela sociedade convencional quando trata das pessoas em situação de rua, entender a estruturação da cultura de violência em Araguaína.

Este tema é relevante porque traz as demandas sociais para o meio acadêmico possibilitando ações conjuntas com o poder público municipal em benefício desta população na construção de políticas públicas que atenda aos direitos das PSR em saúde, educação e moradia.

A pesquisa se fundamentou nas diretrizes de investigação quantiqualitativa, usando-se técnicas da pesquisa quantitativa, por entender que uma perspectiva desta natureza tem uma abordagem exclusiva, com o objetivo de mostrar a quantificação de um problema, buscando compreender a proporção e amplitude do mesmo, de modo a fornecer dados numéricos em relação aos comportamentos do grupo ou dos indivíduos pesquisados. A utilização desse método neste estudo se faz importante para que possa mensurar os territórios ocupados e utilizados pelas PSR em Araguaína (MARCONI e LAKATOS, 2008).

Acreditamos que é importante iniciar este debate com uma sessão trazendo os conceitos de paisagem, seguindo pelo tópico que trata sobre espaços de uso público como espaço de moradia. Seguindo o debate apresentamos sobre a desigualdade social estruturada em uma cultura de violência em Araguaína. E finalizando com refletindo sobre a naturalização da violência entre os grupos vulneráveis.

469

CONCEITO DE PAISAGEM

O termo paisagem é bastante complexo, visto que os resultados dos estudos sobre paisagem dependem da ciência a qual foi analisada, quais os objetivos do pesquisador e suas perspectivas sobre a mesma. Neste caso, para quem e para quê, são construídas as paisagens urbanas? A resposta dessas indagações aparecerá ao longo do texto, levando em consideração, que precisamos apontar alguns conceitos de paisagem que guiaram este trabalho.

Partindo da perspectiva de Santos (2008) e Tuan (2005), tudo que pode ser visto, que a visão humana abarca é paisagem. Assim, paisagem tem sua definição na dominação do que é visível, com tudo, não é constituída somente de elementos concretos, mas também

abstratos. É por tanto um conjunto complexo de elementos, que aciona todos os sentidos sensoriais dos seres humanos, pelo fato de ser composta por volumes, cores, movimentos, odores, sons como também sentidos e significados.

A definição de uma paisagem depende da percepção e do conhecimento que cada observador possui, como também do ângulo em que a observação é realizada. Se for observada por pesquisadores com a mesma formação científica, em que um esteja fazendo suas observações sobrevoando a paisagem, o outro pesquisador, esteja fazendo suas observações em contato com o meio pesquisado. Certamente, os resultados da pesquisa, mesmo sendo feito por dois profissionais da mesma área, serão distintos, visto que, os dados finais serão cheios de sentidos e significados que são intrínsecos da subjetividade de cada pesquisador. O mesmo aconteceria se pesquisadores de outra área do conhecimento realizassem seus estudos na mesma paisagem ou se vários turistas relatassem sobre o passeio feito.

De acordo Santos (1988, p. 22), “[...] a dimensão da paisagem e a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”. O sistema cognitivo é bastante relevante especialmente por dispor das ações mentais e dos processos de aquisição de conhecimento, como a atenção, memória funcional, raciocínio, resolução de problemas como também a produção e a compreensão da linguagem, além das experiências e sentidos, entre outros.

Dentro dessa complexidade cognitiva, é que os homens se educam e são educados de maneira formal ou informal, através de um processo de seleção em que cada indivíduo monta suas subjetividades, criando diferentes percepções da mesma paisagem ou elemento que a constitui. Neste sentido, o pesquisador deve estar atento aos signos que são manifestos nas ruas, quais elementos constroem e sustenta a subjetividade das PSR considerando que essas pessoas tem outro olhar, outra percepção sobre a paisagem urbana em que vivem.

Para Santos (2008) são apresentado dois tipos de paisagem distinta, um natural, que não se modifica pela diligência humana, ressaltamos que na contemporaneidade esse tipo de paisagem encontra-se cada vez mais extinta ao considerarmos que mesmo que um lugar não seja atingido pelas produções dos homens de forma direta, é, no entanto, um objeto de inquietação e propósitos econômicos e políticos. Todavia, tudo na atualidade encontra-se na área de interesse da história, sendo assim social. O outro tipo de paisagem é a artificial, que é mudada pela ação humana. Deste modo a paisagem natural pode ser compreendida

de maneira completa, se examinar as transformações ocorridas a partir das ações dos grupos sociais.

Contudo, nota-se que, os dois tipos de paisagens, estão presentes em todos os lugares, no entanto, esse entrelaçamento requer do pesquisador um maior esforço na identificação de elementos que as diferenciam uma da outra. Sabendo que a paisagem tem uma relação bem representativa do modo de produção, visto que está inteiramente ligada às ferramentas que a mantém e a modificam.

A partir das leituras de Santos (1988) e (2008), é relevante pensar que o território urbano, possui suas características a partir do seu modo de produção, mas não se pode deixar de observar, que as cidades são construídas de pessoas, sejam elas pertencentes às classes sociais mais abastadas com poder aquisitivo mais elevado ou aquelas que fazem do espaço público lugar para residirem. Todos estão envolvidos e compõem a paisagem da cidade, por onde passam deixam marcas significantes para se pensar, as várias alternativas de sobrevivência que os centros urbanos oferecem.

ESPAÇOS DE USO PÚBLICO/ESPAÇOS DE MORADIA E TRABALHO

A presença das PSR, na praça no centro da cidade de Araguaína, desarticula o pensamento de um território organizado para o lazer da sociedade convencional. Para, além disso, a paisagem da praça em algumas horas do dia ou da noite perde o seu momento de vazio, de solidão, de um espaço sozinho. Ganha uma nova configuração de trabalho e de produção, encontra-se também os corpos que descansam sobre os bancos, no chão a sombra de uma árvore, o bate papo de um grupo, os risos e compartilhamento de um espaço comum. Assim, a praça é atravessada por subjetividades e signos, tornando-se um território constituído de várias histórias.

A partir das colocações de Santos (1988) percebe-se que cada instrumento de trabalho, que monta e desmonta a paisagem cotidianamente, estão unidos diretamente aos meios de produção, são também participantes no fluxo circulatório, dispensação e consumo. É importante destacar que a dinâmica do modo de produção das PSR, ocorre de maneira distinta da sociedade convencional, visto que estas pessoas sobrevivem dos espaços públicos com trabalhos informais, o que lhes garante uma melhor mobilidade no espaço urbano, pelo fato de poder desenvolver seu trabalho em qualquer lugar da cidade.

A partir da pesquisa de campo, observou-se que enquanto o cidadão da sociedade convencional estaciona seu carro, sua moto, nas principais ruas comerciais de Araguaína, para fazer compras ou para trabalhar, na calçada está o cidadão da rua, pronto para vigiar o veículo, para que o cidadão convencional não tenha perda de seus bens.

Cuidadores de veículos toma todas as medidas cabíveis para garantir a segurança, de algo de tanto valor para seu proprietário, enquanto este estende a mão com duas ou três moedas de vinte cinco centavos. O não reconhecimento pelo trabalho do cuidador de veículos é de fato uma manifestação dos instrumentos de trabalho, que mantem o cidadão da rua na mesma condição de vulnerabilidade. Isto significa o quanto a sociedade convencional enxerga a população de rua com preconceito, social, racial e também de gênero e geracional entre outros. Como pode ser observado na entrevista realizado na pesquisa de campo.

Eu faço bico, cuido de carro nas ruas, e recebo uns trocados como pagamento. As pessoas me veem como mendigo, e me dá as moedas como se fossem esmolas, não vê o que faço como trabalho, muito até ignora o que faço, jogam fora o papelão, e quando vou chegando perto vão embora sem dizer nada. Às vezes eu não encosto muito, porque ele pode chamar até a polícia, achando que quero roubar. Mas não é isso que queremos, não é esmola, é nosso trabalho que queremos ser reconhecidos, não deixamos as pessoas encostar no carro, e cuidamos do carro (Entrevista realizada em dezembro de 2020 com o senhor N18).

472

Considerando que se esse mesmo cidadão convencional, ao frequentar os espaços de luxo, pagarão valores altíssimos, a manobristas de shoppings, de hotéis e restaurantes. A estes, lhes é confiado a chave do veículo, são pessoas livres de qualquer suspeita, merecedores de uma gorda gorjeta. Observa-se que, as formas de relação de trabalho e de convivência social se transformam em um pequeno espaço de tempo. Essa maneira de relação estabelecida pelo capitalismo desenha a paisagem dos dois mundos, vividos nos centros urbanos (CHAVES, 2019).

Neste sentido, observa-se que a paisagem urbana é constituída de um movimento constante que transforma as relações sociais, a partir de uma dinâmica capitalista que divide a humanidade por classes, excluindo alguns grupos que não conseguem acompanhar seu ritmo. Esta paisagem pode ser definida a partir da perspectiva de Cullen (1983), apresenta-se como sendo uma arte que se converte de maneira congruente e organizada, em um evidente complexo de edificações, como também ruas e avenidas, espaços públicos e privados, se misturam constituindo a paisagem urbana.

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

Assim a definição de paisagem é estruturada por três elementos, a Ótica que se refere a um olhar sequenciado em que é formada pela percepção contínua do território urbano, visto que ao voltarmos a visão de espaço urbano, no primeiro momento, enxergamos as ruas, e ao adentrarmos a cidade vamos-nos deparando com novos elementos de diversas formas e tamanhos.

O Local é o segundo elemento que de fato é bastante relevante, por ser onde ocorre a percepção das pessoas, com relação a sua localização no espaço, ou seja, o indivíduo toma consciência a qual espaço pertence ou não, esse sentimento é experimentado pelas pessoas quando conseguem identificar, em que espaço estão localizadas, se público ou privado, se abertos ou fechados, de pequena ou grande extensão, se de alto ou baixa altitude (CULLEN, 1983).

Por fim, o Conteúdo, é o elemento que diz respeito a formação dos centros urbanos, neste, encontra-se todos os itens que enfeitam e harmoniza a paisagem, as construções de prédios, casas, praças, ruas, semáforos, fachadas, calçadas, desenhos, cores, pinturas entre tantas outras variedades de itens que vão dando forma à paisagem urbana. Observa-se que as paisagens urbanas são constituídas de signos, que tem significado coletivo, porém podem ter sentido distinto, a depender do grupo que faz uso desses signos nos espaços públicos e privados (CULLEN, 1983).

Essa diferenciação de ocupação de espaço está ligada a desigualdade social desses grupos. De acordo Almeida (2007), o conceito adotado para capital cultural, é um instrumento relevante para identificar e conhecer a amplitude simbólica na disputa entre os grupos sociais desiguais. “Como a luta pela legitimação de certas práticas sociais e culturais, úteis para definir, distinguir os diferenciais de poder, dos diversos grupos, pela posse da cultura dominante ou legítima” (ALMEIDA, 2007, p. 47).

Neste cenário que os agentes e o território se modelam paralelamente assumindo ao mesmo tempo o lugar de transformação social e territorial. Espaço onde as diferentes culturas se entrelaçam dando lugar para novas práticas culturais, apresentando suas particularidades o que torna possível a identificação das culturas.

[...] a diferença cultural é o processo de enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. [...] a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade (BHABHA, 1998, p. 63).

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

É por meio das necessidades das diferentes classes sociais, que ocorrem o aprendizado sobre as práticas culturais de outros grupos. Verifica-se que essa apropriação cultural, é um recurso de sobrevivência usado pelos grupos em vulnerabilidade, a fim de produzir suas próprias estratégias de sobrevivência nos centros urbanos. É a partir do conhecimento do funcionamento da sociedade convencional, que a população de rua se organiza para garantir sua permanência nos espaços públicos.

Para tanto, é necessário identificar os limites dos espaços públicos e privados e assim possam dar significado a esses lugares. Através desses elementos culturais que torna visível as desigualdades sociais, é se faz possível compreender as formas distintas de percepção da função dos elementos concretos que constituem a paisagem urbana. Assim sociedade convencional e população de rua, utilizam do mesmo território dando a este sentido e significados diversificados.

Considera-se que o semáforo tem o significado hegemônico de organizar o trânsito e evitar conflitos. Para a sociedade convencional é apenas um lugar onde a cor verde indica que deve seguir sua viagem, e que a cor amarela chama sua atenção para a mudança de comportamento no trânsito, já a cor vermelha indica que deve parar por alguns instantes no trânsito, esta cor é indicação de perigo desde a Roma antiga, utilizado a mais de 2000 anos (RANGEL, 2012).

Observou-se durante a pesquisa de campo, que enquanto para o malabarista, vendedor de doces, limpadores de para-brisa entre outras atividades, o sinal vermelho tem o sentido de movimentação de trabalho, de oferecer seus serviços, em um curto espaço de tempo a paisagem se transforma, os veículos parados dão espaço para o movimento informal do trabalho. De modo que o capitalismo controla e organiza o modo como os homens se movimentam.

[...] Mendicância. Quando não dá para ganhar o que comer, mas faço malabarismo no trânsito. Quando o sinal fica vermelho, eu vou para o meio da rua e faço malabarismo. Antes de abrir, eu passo entre os primeiros carros, e alguns me dão umas moedas (Entrevista realizada em novembro de 2020, Senhor, N.10).

As diferentes funções que os espaços públicos assumem diz respeito, a forma de utilização de suas estruturas, pela sociedade convencional e as pessoas em situação de rua. Como pode ser conferido, na paisagem em que a Praça São Luís Orione, é compreendida

em duas perspectivas, sendo um espaço de lazer pelo primeiro grupo e tornando-se, espaço de residência para as P.S.R. A estrutura física da praça ganha significado distintos, a cerca que é um símbolo de proteção para a sociedade convencional, transforma-se em varal, para colocar suas roupas para secar.

A fonte luminosa ou chafariz, antes de ser soterrada pelo poder público municipal, fazia parte da arquitetura da praça, com fim de embelezamento para a contemplação do público em geral, significava para as P. S. R, um lugar onde conseguiam um fácil acesso à água, para realizar sua higiene pessoal e lavagem de suas vestes e demais utensílios. Como pode ser observado na entrevista.

Fico aqui pela praça, e mercado pelo menos aqui, tem uma fonte para lavar nossa roupa, e colocar elas ali para secar. Às vezes uso está água também para tomar banho. Para as mulheres na rua não tem privacidade (Entrevista com a senhora N9, realizada em novembro de 2020).

Essa função, como as P.S. R percebem e atribuem a fonte, causa estranhamento na sociedade convencional. No entanto Mendes (2009) relata que durante o século XVIII e XIX, na cidade do Rio de Janeiro, a construção do chafariz nas praças tinha a função de facilitar o acesso da população da cidade a água potável. Percebe-se que a utilização do chafariz na atualidade foi re-significado pela sociedade convencional, vale ressaltar que a água contida no chafariz da praça, em Araguaína não era própria para consumo.

Ressalta-se que nesta pesquisa, a paisagem urbana é compreendida como um território cheio de informações, constituída, por elementos que têm sentidos e significados. Sendo assim, a paisagem é um conjunto de códigos linguísticos que possibilitam, as mais diversas formas de interpretação, a qual dependerá da percepção e objetivo do indivíduo, que faz parte dela ou daquele que somente a observa. Salienta-se ainda, que a paisagem é observada a partir das relações estabelecidas entre indivíduos e espaço urbano, como também, as relações sociais, o acesso as instituições públicas e aos serviços.

A partir das experiências vivenciadas em campo /é relevante destacar que a forma como os territórios são construídos, se forma também os comportamentos dos seus habitantes, a ausência das políticas públicas nesses espaços, provoca uma serie de complicações sociais. Em espaços aversivos predomina a cultura da violência, fenômeno que tem atravessado gerações e se manifestado com mais intensidade em alguns espaços onde os limites não são claramente definidos.

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

A DESIGUALDADE SOCIAL DE ARAGUAÍNA ESTRUTURADA EM UMA CULTURA DA VIOLÊNCIA

No entanto, essa problemática social não é um fenômeno novo, muito pelo contrário, a história da humanidade está repleta de eventos violentos. Contudo a violência, ganha configurações distintas a depender de que tempo e de que povo se refere, pois, os movimentos dos agentes no espaço acontecem de forma distinta, acompanhando as exigências de evolução econômicas e geográficas. Neste sentido, observa-se que durante a formação da cidade de Araguaína, a violência, contra os indivíduos que não seguia as normativas da sociedade convencional, pode ser constatada com o episódio do assassinato de Pedro Milagroso, na década de 1960.

Silva (2013) nos traz um dado muito característico que podemos considerar que Pedro, além de não ter moradia também estava em condição de rua, o contexto histórico refere-se aos anos 60, em que o sobrenome é um dos maiores valores sociais em especial na Região Norte, no entanto não se tem conhecimento do sobrenome de Pedro, o que mostra que o referido homem não portava documentos por alguma razão social. Na atualidade estudos com a população de rua, mostram que é comum encontrar nas ruas, pessoas que não carregam consigo seus documentos pessoais, são chamados por codinomes ou apenas pelo seu primeiro nome como foi o caso de Pedro.

Silva (2013) destaca que Pedro, chamava a atenção da comunidade de Araguaína neste período, pelas suas vestimentas, aparecia em público usando saias com anáguas, outras vezes andava pelas ruas vestido de batina, além de vários colares coloridos como também joias de ouro a embriagues fazia parte das práticas de Pedro. Os comportamentos tidos como inadequados dele, não eram do agrado da sociedade local, um forasteiro de comportamento subversivo, desorganizava e tumultuava a normalidade da vida cotidiana das pessoas da cidade. Seria essa a razão para o contexto de violência ao qual Pedro foi submetido até a morte?

Conforme os relatos de Silva (2013), Pedro foi preso levado para uma cadeia improvisada que ficava próximo ao rio Neblina, lá ele foi muito maltratado, devido ao grande sofrimento de Pedro, durante as práticas de violência era tanta que os moradores das proximidades da então delegacia, desejaram sair de suas residências para não ouvir mais os gritos dele por causa dos castigos, tempo depois Pedro desapareceu, os seus pertences foram encontrados nas proximidades do rio Neblina.

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

Em 12 de abril de 1962, o corpo de Pedro foi encontrado às margens direita do rio Neblina em estágio de decomposição, sendo sepultado no mesmo local onde fora encontrado. As informações contidas nas narrativas indicam que ele foi assassinado pela polícia, e que a morte de Pedro, aconteceu com práticas de violência de forma desumana. Como se pode contemplar na frase, “Os bárbaros soldados assassinaram Pedro, o inocente” (CORAZA, Op. eit. p. 3 *Apud* SILVA, 2013).

Percebe-se a presença de algumas características de violência do medievo, que perpassaram diversas gerações e pode ser ainda encontrada na sociedade contemporânea, como a violência doméstica ou conflitos familiares. Que de acordo Yi-Fu Tuan (2005), a violência apresentava-se como uma endemia nas comunidades medievais, esse fenômeno era compreendido pelas comunidades de forma distinta a depender do espaço em que ocorre.

Na contemporaneidade, a violência seja ela física, psicológica, moral, patrimonial entre outras, cometidas contra quaisquer pessoas, independente da sua condição social, se caracterizada como crime, em que o agressor sofre punição por cometer danos a vítima. Contudo a violência está presente em todos os espaços urbanos, especialmente para aqueles que vivem nas ruas.

Por que considerar, que existe uma cultura da violência? Nesse sentido, observa-se que a violência impregnada na sociedade do século XXI, é um processo que advém da história da evolução da humanidade. E com a construção das cidades, e o aumento das pessoas nesses espaços, esse fenômeno ocorre de diversas maneiras e com mais frequência. As práticas de violência são naturalizadas, consentidas, justificadas pela sociedade convencional, através de noticiários nos jornais televisivos, digitais, impressos, como também nos rádios.

A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA COM OS GRUPOS EM VULNERABILIDADE EM ARAGUAÍNA

Os meios de comunicação como instrumento do capitalismo, em busca do acúmulo de capital, expõem em suas narrativas seja elas verbais ou escritas, de forma detalhada, a maneira como o ato violento ocorreu. As opiniões dos telespectadores indicam os aspectos de uma cultura da violência. Neste sentido, entende-se a perspectiva de Pozzebon (2012), ao colocar que a violência é estrutural, inerente aos acontecimentos sociais e não são vestígios obsoletos de ordem impiedosa próximo de ser extinta.

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

No que se refere às pessoas em situação de rua, a violência segundo Nonato e Raiol (2018), se apresenta de diversas maneiras, desde a simbólica, as ações mais violentas, como os assassinatos associados aos variados tipos de torturas, dentre elas envenenamentos, retiradas forçada dos lugares públicos, intervenções compulsórias, ausências de políticas públicas que atendam as demandas básicas dessa população.

As divulgações da violência contra as pessoas em situação de rua, pelos meios de comunicação, têm mostrado o acréscimo significativo dessas práticas em especial os homicídios, que vem ocorrendo com maior frequência em todos os centros urbanos do Brasil.

Além do alto número de denúncias de homicídios cometidos mediante violência policial contra essa população, também é grande a quantidade de casos em relação a outros tipos de violências institucionais, como omissão nos serviços públicos, ausência de políticas públicas suficientes e eficientes, como moradia, saúde, trabalho, assistência social, etc. (NONATO, RAIOL, 2018, p. 102).

Diante do exposto pelos autores, observa-se que a cidade de Araguaína, não foge a esta realidade, visto que na pesquisa realizada por Andrade (2019), na referida cidade, mostra que as pessoas em situação de rua, sofrem as mais diversas formas de violência. A violência simbólica, que atinge esse grupo é compreendida a partir da perspectiva de Bourdieu (2007), que a define como uma violência que se desempenha com a conivência velada dos agentes sociais, que a sofrem, como também, dos que a executam, de forma em que ambos não têm a consciência de que executam ou sofrem.

Neste sentido, compreende-se que o processo de violência contra a população de rua em Araguaína, é inconscientemente, praticada pelos agentes que são designados a realizarem. A política higienista como é descrito por Andrade (2019), sobre o fato ocorrido em 2018, com PSR, pelos agentes de Assistência Social, que solicitaram a referida pessoa em situação de rua, que se retirasse da frente de um comércio, pelo fato do proprietário estar incomodado, alegando que a presença de PSR, no entorno do seu estabelecimento afasta os clientes.

Observa-se o que é trazido por Andrade (2019), sobre a realidade das pessoas em situação de rua em Araguaína, compreende-se essa situação como consequência do processo histórico brasileiro, em que a elite econômica vive dos privilégios do poder, propagando o medo do outro, o indivíduo que se encontra em condição de rua. Esse medo

social também foi discutido por Bento (2002), ao retratar que no período próximo a abolição da escravatura, instalou-se o medo da grande quantidade de pessoas negras, que foram libertos e tomaram as ruas das cidades no país.

Segundo Bento (2002), o medo se propagou na elite brasileira, por reconhecer que os negros viviam em condições de miséria, decorrentes do processo de exploração e apropriação indevida, violências físicas e psicológicas, que lhes foram impostas por três séculos. Assim como os negros do período colonial eram inferiorizados e estigmatizados, como vagabundos, vadios, preguiçosos, desordeiros, não confiáveis, as pessoas em situação de rua, sofrem semelhança identificação reproduzida pela sociedade contemporânea.

No entanto, o que se observou junto a população de Rua de Araguaína, é que esses indivíduos estão desassistidos do direito de segurança pública, visto que os referidos apresentam em suas narrativas o quanto é violento o espaço das ruas. Constatou-se que durante o contexto pandêmico, causado pelo novo coronavírus, a ocorrência da violência que já faz parte do cotidiano da população de rua, intensifica o medo desses indivíduos.

Não foi bom, porque durante o isolamento das pessoas deixam a rua mais perigosa, dorme um vigiando o outro, porque pode vim alguém e fazer o mal, porque a cidade está vazia (Entrevista com senhor N6 realizada em novembro de 2020).

479

Ressalta-se que o medo para Bento (2002), entre outras emoções faz parte do sistema complexo de sobrevivência da espécie. Porém o medo e a projeção estão envolvidos na origem dos processos de estigmatização de grupos que buscam legitimar a manutenção das desigualdades, e a criação de políticas públicas excludentes. Enquanto isso por falta de políticas públicas de proteção, as pessoas em condição extrema de vulnerabilidade ficam expostas à violência que produz o medo do outro.

Observa-se dentro desse cenário de exclusão, que vários são os elementos que estabelecem e sustentam as relações de poder, o que assume um papel primordial nesse processo é a linguagem. Por ser considera um elemento primeiro das relações sociais, sendo que é através dela que os homens se comunicam e promovem as transformações ambientais e sociais.

Para Hall (2016), a linguagem é um dos veículos pelo qual os pensamentos e sentimentos dos homens são representados nas culturas. Assim sendo a representação que produz ou reproduz os significados pela linguagem é primordial para o estabelecimento de

sentido nas relações sociais. A linguagem assume a função de transmitir os elementos constituintes das culturas e promover o compartilhamento de diferentes itens de cada cultura favorecendo o entrelaçamento dos valores e características específicas na formação de um novo território urbano onde os novos agentes sociais ressignificam e transformam-os, criando novos constituintes culturais.

Segundo Hall (2016), os elementos culturais, objetos coisas, sentimentos e até mesmo a linguagem possuem vários sentidos e significados, isso só existe porque os indivíduos envolvidos em uma cultura os dão. De modo que os sentidos presentes nas culturas são reguladores e organizadores das práticas e da forma como as pessoas se comportam em sociedade, já que são contribuintes no estabelecimento das normas e regras que organizam a conduta social. Diante deste entendimento, a relação social entre a sociedade convencional e a população de rua, acontece subordinada as normas de condutas imposta pela elite hegemônica.

Diante da complexa problemática das relações sociais, surge o questionamento referente às práticas culturais e as formas como as pessoas tratam a população de rua. O processo de exclusão promovido pelas práticas de políticas higienistas que aparece de forma velada no processo de transformação dos espaços públicos da cidade, é acordado por esse sentido regulador e normalizador?

De acordo Palombini (2013), as pessoas em situação de rua no Brasil, vivem das, e nas profundezas, dos centros urbanos que são estruturados pela exclusão e discriminação, e são socialmente formados pelas relações de poder do sistema econômico e social contemporâneo. Considera-se que as pessoas em situação de rua não se enquadram a nenhum desses sentidos que foram produzidos pelo entrelaçamento das culturas formadoras da cidade de Araguaína, assim as pessoas em situação de rua estão fora do sistema regulador da cultura local, mas desenvolveram suas habilidades de sobrevivência com os recursos oferecidos nos espaços públicos como uma forma alternativa de manterem-se presente na sociedade.

A partir das observações em campo, percebe-se que as políticas públicas e as transformações da paisagem de Araguaína, não são realizadas levando em consideração as demandas da PSR, e sim para atender os anseios da sociedade convencional, como descreve o senhor N04.

Os governantes não ajudam, não dá abrigo, faz uma via Lago, um Parque Cimba, daquele tamanho, mas não tem dinheiro para fazer um abrigo para nós. [...]. Retiram nós do território, sai da praça, porque vai arrumar para natal, levaram meus (falando sobre a ação da Assistência Social) pertences, mas nos deixaram na rua (Entrevista com senhor N04, realizada em novembro de 2020).

Diante do complexo sistema produzido e esquematizado pela pulação de rua para fazer dos espaços de uso público, um território entrelaçado pelos elementos que estrutura, a vida a forma alternativa de viver nos centros urbanos. Promove uma reflexão de como este grupo resiste e ressignifica as práticas de exclusão e invisibilidade imposta pelas instituições públicas, que são responsáveis a garantir os seus direitos de políticas públicas de manutenção da vida.

Condições sociais que agravaram diante das restrições imposta pelo cenário do Covid 19, tanto no que se refere aos direitos a saúde pública, lugares para isolamento social, internações e medidas profiláticas. Quando o Estado não consegue garantir os direitos essenciais a esses grupos que vivem em extrema vulnerabilidade, escancara para o mundo as múltiplas violências, por tanto estruturadas em um sistema social brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que o termo paisagem depende da percepção de cada indivíduo que a compõe, contudo, está paisagem é composta por elementos e movimentos. Portanto salientamos aqui que essa pesquisa foi realizada no ano de 2020 até meados de 2021, anos marcados pela pandemia do coronavírus. Fato que altera a paisagem em todos os sentidos e que dessa forma compreender paisagem dentro desse contexto, encaminhou novas percepções sobre o lugar e a paisagem. O isolamento social é um dos elementos que desconfigurou a paisagem urbana de Araguaína, já existente, o quantitativo de pessoas circulando e o próprio movimento da cidade ganhou novas configurações dando a cidade um novo aspecto em sua paisagem.

Destaca-se ainda que existam dois olhares para esse novo cenário da paisagem de Araguaína, um da sociedade convencional que passa a observar a rua pelas janelas de suas casas, e o olhar da população de rua, que continua na rua a olhar as ruas com movimento reduzido. Enquanto a sociedade convencional contempla uma paisagem tranquila e sem agitação, a população de rua vive a paisagem do medo, um sentimento estimulado por diversas razões, uma é a de contrair o vírus e ter complicações em sua saúde que já é

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

comprometida pelas condições em que vive, como também pelo medo da violência, momento em que a cidade não se movimento em que a paisagem não gira dia e noite, aumenta a vulnerabilidade e os índices de violência.

Dentro desse contexto o que já era complicado se torna ainda mais complexo, a paisagem do sono no banco da praça, nas calçadas ou em outros espaços públicos torna-se opaca, dormir nesse contexto representa a morte iminente e está pela violência das mais diversas formas. O trabalho nos semáforos, o cuidar do carro o vender balas e doces nas ruas é retirado da população de rua pelo isolamento social, o mundo dos negócios e o setor econômico da cidade coloca a população de rua cada vez mais em uma paisagem da miséria e da desumanização dos indivíduos em situação de rua de Araguaína.

Portanto a definição de uma paisagem depende da percepção e do conhecimento que cada observador possui, como também do ângulo em que a observação é realizada. Neste trabalho buscamos deixar registrada a percepção da população de rua a partir das suas reflexões durante a pesquisa de campo, assinalando as estratégias de resistência e de enfrentamento desse contexto em que estão vivendo nas ruas de Araguaína.

Esse esclarecimento é necessário por entendermos que se a paisagem for observada por outros pesquisadores que intencionam ver a mesma paisagem em uma perspectiva diferente ou observando outros aspectos dessa paisagem, certamente chegaram a outra percepção dessa paisagem urbana. Deste modo salientamos que nesta pesquisa observou-se a forma como a população de Rua de Araguaína se movimenta e se reinventa cotidianamente para sobreviver e também fazer parte dessa paisagem que se transforma todos os dias como em um passe de mágica agregando e acomodando os múltiplos modos de viver.

Notou-se que a população de rua de Araguaína ficou desprotegida e sem assistência por parte das políticas públicas, e que dentro desse cenário de pandemia em que o mundo se protegia e se isolava em seus lares, estas pessoas ficaram à mercê da própria sorte. Este trabalho não é um resultado final, tendo em vista que o mundo das ruas é muito complexo e carente de mais estudos, no entanto contribuirá com novas pesquisas que venha surgir no futuro, sobretudo relacionado as consequências do Covid 19.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In:

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). **Sociologia da educação: pesquisa e realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANDRADE. Eliana dos Santos. **Cidadão Invisível: UM OLHAR SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM ARAGUAÍNA-TO**. Dissertação (Programa De Pós-Graduação Em Demandas Populares E Dinâmicas Regionais – PPGDIRE) Universidade Federal do Tocantins. Araguaina.p.186, 2019.

BHABHA Homi K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila. Elliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos do racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. São Paulo: s. n 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Editora Difel. Lisboa. 2007.

CHAVES. Kerler. **Empresa cria sistema para ajudar na redução dos custos em restaurantes**. Blog KCMS. 2019. Disponível em: <<https://www.kcms.com.br/blog/empresa-cria-sistema-para-ajudar-na-reducao-doscustos-em-restaurantes/>>. Acesso em: 08/09/2021.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. CUNHA, Filho Hélio. VICENTE, Jonathan. **O negacionismo científico e a pandemia de COVID-19 no Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/Onegacionismocient%C3%ADfi-oe-a-pandemia-de-covid-19-no-Brasil>>. Acesso em: 03/04/2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão técnica. Arthur Iruassu. Trad. Daniel Miranda, Willian Oliveira. Rio Janeiro: Ed. PUC-Rio. Apicuri. 2016, p.260.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. 2.reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

NONATO, Domingos Nonato. RAYOL, Raimundo Wilson Gama. **Pessoas em Situação de Rua e Violência: Entrelaçados em Nome da Suposta Garantia de Segurança Pública**. **Revista Direito em Debate**, Ano XXVII nº 49, 2018 – ISSN 2176-6622. “Disponível em:<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate>> Acessado em 20/07/2021.

PALOMBINI, Leonardo Lahm. **Dos Subespaços ao Território Descontínuo Paradoxal: Os moradores de rua e suas relações com os Espaços Urbanos de Porto Alegre/RS-Brasil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sula. (2015).

RANGEL, Natalia. **Quem definiu as cores do semáforo?** Lanternas verdes e vermelhas já organizavam o fluxo de carruagens na Inglaterra desde 1868. Superinteressante. 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-definiu-as-cores-do-semaforo/>. Acesso em: 02/10/2019.

Sueli Marques FERRAZ; Airton SIEBEN. **A Paisagem de Araguaína e a Dinâmica das Pessoas em Situação de Rua**. **Facit Business And Technology Journal**. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 468-484.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológico da Geografia. Hucitec: São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **Metodológico da Geografia**. 6. ed. EdUSP. São Paulo, 2008.
SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "O que é Patologia?". **Revista Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-patologia.htm>. >Acesso em: 29/08/2021.

_____. **Pedro Milagroso**: O Mendigo que Virou Santo. Goiânia: Editora Kelps, 2013.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quantiquantitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagem do Medo**, tradução de Livia de Oliveira São Paulo: Editora UNESP, 2005.